

OS RISCOS DAS REDES SOCIAIS PARA ADOLESCENTES E A IMPORTÂNCIA DE SUA ABORDAGEM NA EDUCAÇÃO

*The Networks of Social risks for teens and their importance of
approach in education*

Simone de Sousa Monteiro¹, Bruna Patrícia da Silva Braga
1. ssm1622@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo apontar os riscos que as redes sociais apresentam de forma sutil ao trazerem uma gama infinita de informações aos jovens e adolescentes, bem como a importância de sua abordagem na educação, visto que o adolescente não tem discernimento nem maturidade para ponderar seus perigos, expondo-se a pedofilia, sexualidade e pessoas maldosas, por exemplo. Sem limites para acessar as redes, o tempo de permanência conectados os tornam presa fácil de um ciclo vicioso, cada vez mais crescente. Devido ao avanço da tecnologia e as facilidades de acesso a conteúdo impróprio, torna-se imprescindível, portanto, à abordagem dessa temática nas instituições de ensino de forma contextual e informal, através de debates, seminários e bate papos, com o objetivo de mostrar as consequências causadas pelo uso inadequado da rede.

Palavras chave: Redes sociais, Adolescentes e Educação.

Abstract

This article aims to point out the risks that social networks are a subtle way to bring an infinite range of information to young people and adolescents, as well as the importance of its approach to education, as the teenager has no insight or maturity to consider their dangers, exposing themselves to pedophilia, sexuality and evil people, for example. Unlimited access to the networks, the connected call time make them easy prey of a vicious circle, increasingly growing. Due to advancement in technology and the ease of access to inappropriate content, it is essential, therefore, to approach this subject in educational institutions of contextual and informal way, through discussions, seminars and chats in order to show the consequences caused by inappropriate use of the network.

Keywords: Social Networks, Adolescents and Education.

Introdução

A nova “Era digital” possibilitou diversos benefícios à sociedade, em muitas áreas, principalmente no campo das comunicações. Com o desenvolvimento da tecnologia, a humanidade cresce a

passos largos, proporcionando, vantagens variadas como o conforto, a segurança e a otimização de serviços em diversas áreas, como a construção civil e a medicina, além da área diretamente envolvida, a informática.

Com tanto avanço, muitos usuários adquiriram hábitos nocivos, dentre eles o sedentarismo e o mau aproveitamento do tempo disponível com informações fúteis. Também corroborou para que conflitos de diferentes temas e em diferentes níveis ocorressem com maior frequência. Além disso, a falta de limites, muitas das vezes prejudicam a privacidade com exposição em excesso. Com isso, cresce os riscos das redes sociais para jovens e adolescentes, tal como a importância do tratamento deste assunto na educação.

Dos mais variados impactos, o que assume maior preocupação, quanto ao uso da tecnologia da informação, é a influência comportamental que a mesma causa, principalmente nos jovens e adolescentes. Esta problemática tem como principal origem as redes sociais, acessadas de forma fácil e rápida, através de dispositivos móveis que tornam mais árdua a tarefa de acompanhamento por pais e professores. O problema em questão traz à tona os seguintes questionamentos: Os jovens e adolescentes estão preparados, para o mundo digital da atualidade? Em contrapartida, qual o papel dos pais e educadores na orientação de seus alunos quanto a este assunto?

Deste modo, é fundamental tornar claro a importância da conscientização dos perigos encontrados nas redes sociais atreladas à educação. Partindo dos seguintes pontos: a) Os perigos ocultos das redes sociais; b) As vulnerabilidades dos adolescentes às más influências; c) Os principais responsáveis pela educação; e d) A abordagem das redes sociais na educação.

A importância deste artigo é relevante para a sociedade como um todo, pois não apenas os jovens e adolescentes não sabem usar as redes sociais de maneira equilibrada, mas também os adultos. O que se vê são jovens cheios de problemas por falta de comunicação, excesso de informação e ansiedade, que não conseguem mais se comunicarem olhando nos olhos, preferem estar atrás de uma tela de computador ou um celular, não sabem mais expressar seus sentimentos, mas copiar e colar ideias dos outros, muitas das vezes sem refletir no que copia.

Que tipo de adultos vão se tornar essa geração de jovens e adolescentes, cercados pelas redes sociais? Conforme a declaração de Albert Einstein por conta da tecnologia os seres humanos perderiam o senso de relacionamento e se tornariam uma geração de idiotas, sim uma geração sem opinião própria, vivendo em um mundo isolado por conta de uma falsa rede social, que na verdade não aproxima as pessoas, mas a distância.

Redes Sociais na Educação

Enquanto é possível destacar características tão positivas como colocar o mundo em sintonia simultânea em acontecimentos importantes e dignificantes, por outro lado, esse poderoso instrumento pode revelar-se um elemento de influência altamente negativa. (KEMP, 2013, p.21).

A rede social é uma ferramenta que oferece excelentes possibilidades para as instituições de ensino, principalmente pela facilidade de resolver os problemas do dia a dia, dentre elas, divulgar agendas escolares, comunicados aos alunos e muito mais com apenas um celular, porém, de igual forma, também pode causar grandes malefícios se utilizada de forma errada, sem a devida orientação aos seus usuários, abrindo um campo inesgotável de destruição em diversas áreas. Não há um critério de controle da rede quanto ao seu uso, por esta razão os adolescentes, utilizando-se deste ponto, são mais vulneráveis por estarem com seus caracteres em formação. Conforme Galuch e Sforini:

Ao ingressar na escola, o aluno possui um saber espontâneo, adquirido nas experiências vividas em diferentes situações e espaços sociais. A escola trabalha com o conhecimento científico e, ao transmitir determinado conteúdo,

transmite, também, formas de pensar, analisar, reelaborar e agir. (GALUCH e SFORNI, 2006, p.6).

Antes de ingressar em uma escola o aluno já vem dotado de conhecimento por experiências com sua família, vizinhos, instituições religiosas, contudo, a escola assume fundamental importância na educação de seus alunos, uma vez que, através do conhecimento científico, lhe oferece uma nova forma de analisar as diversas informações que as são ofertadas pelos variados meios que tem contato, como os livros e seminários, por exemplo, que sempre bombardeiam a todos com uma gama infinita de informações.

Os Perigos Ocultos das Redes Sociais

Escolas não conectadas são escolas incompletas (mesmo quando didaticamente avançadas). Alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual: do acesso à informação variada e disponível on-line, da pesquisa rápida em bases de dados, bibliotecas digitais, portais educacionais; da participação em comunidades de interesse, nos debates e publicações on-line, enfim, da variada oferta de serviços digitais. (MORAN, 2012, p. 9 e 10).

É imperativo que as instituições de ensino, que verdadeiramente se preocupam com o desenvolvimento de seus alunos, atualizem-se com o que a tecnologia oferece de mais atrativo hoje em dia, as redes sociais. Uma vez que estas proporcionam informações variadas, que podem vir a serem absorvidas sem critérios, caso seu usuário não esteja instruído devidamente. Mas vale salientar que junto com a oferta das redes sociais pelas instituições de ensino, deve-se também alertar os alunos quanto ao seu perigo e impor limites ao seu uso em sala de aula.

Além disto, Lorenzo expõe que: “A rede social é uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos ou profissionais dos seres entre si, em forma de rede ou comunidade. Ela pode ser responsável pelo compartilhamento de ideias, informações e interesses”. (Lorenzo, 2013, p. 20) A rede social passa a impressão de que é possível manter um relacionamento saudável através da mesma, seja para relacionamentos afetivos ou profissionais. Isto pode ser muito perigoso, quando pessoas acreditam que podem confiar em quem está do outro lado da tela, a ponto de se apaixonarem e compartilharem informações íntimas de suas vidas. Quando não se sabe controlar seu uso como o esperado, pode levar a sérias complicações como a depressão, o que apontam os estudos:

Depois de acompanhar a rotina de checagem de atualizações em redes sociais de 205 pessoas por sete dias, os pesquisadores concluíram, para espanto geral, que resistir às tentações do Facebook e do Twitter é mais difícil do que dizer não ao álcool e ao cigarro. Uma consulta aos números do programa de dependência de internet do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (IPq-HCUSP) dá contornos brasileiros ao argumento posto pelos americanos de Chicago. (LOES, 2012).

Desse modo, pesquisas nos mostram o quanto às redes sociais assumiu local de destaque na vida das pessoas, trazendo uma dependência que se assemelha a vícios como ao do cigarro e do álcool. O pior é que os malefícios não param por aí, pois atrelados a estes vícios, vem uma carga imensurável de informações nocivas, quase que impostas às pessoas conectadas, ficando apenas à mercê de seu senso crítico para filtrar o que é bom do que não é perigo este praticamente oculto que muitos jovens e adolescentes não são capazes de enxergar.

Atualmente, a atenção em torno do assunto é tamanha que já há setores defendendo a inclusão da dependência por redes sociais na nova edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, da Associação

Americana de Psiquiatria, que deve ser publicada em maio de 2013. (LOES, 2012).

Como afirma Loes, o uso excessivo das redes sociais traz problemas de ordem psíquica aos usuários, mais uma vez ressalta-se que, sua abstinência gera consequências similares aos dependentes de droga. Aparentemente, que problema há em conectar-se a uma rede social? Assim, como as drogas, a vontade de usá-la vai aumentando gradativamente, um mal invisível, uma droga virtual, que já abriu os olhos das autoridades e profissionais da área para tratar do assunto como uma doença.

Segundo Diogo Schelp (2009, pg. 94), “as pessoas se isolam e tornam-se dependentes de um mundo de faz de conta, em que só se sentem à vontade para interagir com as outras protegidas pelo véu da impessoalidade”. Ao se depararem com alguma dificuldade de relacionamento real, algo absolutamente normal e inerente à vida, parte do processo de amadurecimento, pessoas buscam uma saída no mundo virtual, onde podem manipular suas informações pessoais para que saiam da forma que desejam protegidas por uma tela. Esta atitude de relacionamento virtual, somada a sensação de proteção, torna as pessoas cada dia menos interessadas em se aventurarem em relacionamentos reais, ou seja, mais ficam mais impessoais.

As amizades na internet não são sequer mais numerosas do que na vida real. De nada adianta ter 500 ou 1 000 contatos no Orkut. É impossível dar conta de todos eles, porque o limite das relações humanas é estabelecido pela biologia. O número máximo de pessoas com quem cada um de nós consegue manter uma relação social estável é, em média, de 150. (SCHELP, 2009, pg.94).

Conforme Schelp seria uma falácia afirmar que as redes sociais proporcionam um melhor relacionamento do que o desenvolvido de forma tradicional, uma vez que o número de contatos de sua lista não reflete o número de pessoas em que um ser humano é capaz de manter uma relação social estável, que sofre com nossa limitação biológica. Na prática, o tempo utilizado em redes sociais na tentativa de administrar inúmeros relacionamentos virtuais pode fazer falta para cultivar relacionamentos verdadeiros.

As Vulnerabilidades dos Adolescentes às Más Influências

Uma fantástica época da vida é a adolescência e a juventude, tudo parece ser possível! As emoções tomam conta de uma realidade que mais se assemelha a um conto de fadas, as consequências dos atos parecem não ter importância, preocupações com problemas reais não existem e dão lugar as fantasias. Na verdade, a emoção e a vulnerabilidade estão em uma linha tênue, de acordo com Kemp “Em uma sociedade imediatista e impulsiva, o adolescente não sabe como desenvolver o autocontrole” (KEMP, 2013, p.26). Segundo Ellovitch:

Ressalto que o adolescente apresenta como característica comportamento de maior exposição ao risco, grande reatividade emocional e menor planejamento e controle de suas ações. O conhecimento da neurociência atual comprova o que a experiência de nossos antepassados já conhecia na prática. Na adolescência primeiro se desenvolve, ou amadurecem as áreas responsáveis pela emoção. Isso está associado a diferentes trajetórias do desenvolvimento de regiões límbicas subcorticais nesta idade (áreas da emoção). Caminhando para o final da adolescência e idade adulta ocorre progressiva mudança de controle para a região cortical, mais precisamente o córtex pré-frontal (área da razão), responsável pelo controle cognitivo e funções executivas. Corresponde a desenvolver planejamento e execução de seus atos em direção a cumprir metas. (ELLOVITCH, *Epoch times*, 2013).

Falar para o adolescente da necessidade de estudar, para no futuro galgar uma vida melhor ou ainda estudar para não ficar em recuperação no final de ano, torna-se difícil de ser aceito. Eles necessitam de retorno imediato. O cérebro é instigado pelo imediatismo. Fica mais prazeroso estar nas redes sociais. Knobel trata do assunto da seguinte forma: “síndrome normal da adolescência”, assinalada por sintomas que incluem:

1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, desde o auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo. (KNOBEL, 1989, p.29).

É na adolescência que os hormônios fervilham, como uma metamorfose. Seus sentimentos estão à flor da pele, uma cadeia de transformação entre a fase criança e adulta, tudo é muito intenso, porém, segundo Knobel é uma “síndrome normal”, muitas das vezes não compreendida pelos pais e professores, na verdade nem eles mesmos compreendem tamanha transformação, o que os tornam vulneráveis e suscetíveis a tudo o que os cerca. Não são capazes de discernir o que é certo ou errado devido às muitas contradições do que pensam, essa inconstância acaba causando conflito e revolta interna, o que os leva a busca constante pelo novo e o contraditório. Leontiev acrescenta a respeito deste assunto:

Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico pela sociedade humana. (LEONTIEV, 1978, p.267).

Nas sábias palavras Leontiev, na década de 80, fica evidenciado que uma pessoa necessita absorver conhecimento oriundo da sociedade para complementar seu desenvolvimento racional, não apenas dependendo do desenvolvimento biológico para se tornar uma pessoa madura. Estes conhecimentos, adquiridos, em grande parte, através das redes sociais, que nortearão o caminho em que o indivíduo irá trilhar o do bem ou o do mal.

Os Principais Responsáveis pela Educação

Conforme afirma Moran (2012, p. 08), “Não basta colocar os alunos na escola. Temos de oferecer-lhes uma educação instigadora, estimulante, provocativa, dinâmica, ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino” é de fundamental importância que os professores e demais profissionais da educação estejam interessados em proporcionar uma escola como a descrita na citação acima, pois não se pode confiar o aprendizado apenas a um desejo nascido espontaneamente do aluno, sem estimulação para que isto ocorra. Para tal, estes profissionais deverão também estar motivados e plenamente conscientes e crentes de sua importância para a conquista deste objetivo. Existem muitos atrativos no mundo, muitos deles com objetivos não louváveis, a escola precisa assumir um papel de destaque nesta disputa pela atenção desta plateia valorosa.

Mas este interesse de obter a atenção dos jovens deve partir não só da escola, mas também de casa, porém neste lugar “Desaprendemos a olhar no olho, interpretar os sinais corporais e dar a atenção devida a quem está ali, diante da gente” (GÓES *apud* LÓES, 2012). O pior é que esta consequência não é exclusiva de relacionamento com pessoas externas ao nosso lar, pelo

contrário, vem ocorrendo com pessoas próximas como pais e filhos, onde estes não conseguem mais ter um conhecimento profundo daqueles e vice-versa, o que não é possível através de uma tela fria, dificultando o compartilhamento de experiências, vitais ao desenvolvimento humano. Perdem-se, com isto, momentos indispensáveis ao bom convívio, onde os pais, educadores por natureza, não mais sabem identificar os anseios, aflições e dúvidas de seus filhos, apenas numa troca de olhares, até porque são os pais os principais educadores. Kemp expressa muito bem isto quando diz que:

[...] Por essa razão, pai e mãe, vocês são extremamente importantes. Filhos precisam de amigos, heróis e heroínas; precisam de amor, de compreensão, de orientação equilibrada e calcada em padrões coerentes; de alguém que os ouça e lhes ensine o que é de fato significativo, importante, bom para eles e para a comunidade. (KEMP, 2013, p.28).

“... Como capacidade inesgotável de se opor, insegurança e baixa autoestima, certa dose de depressão; precisam de amor, são jovens e estão aprendendo”. (ZAGURY, 2001, p.145). Os jovens possuem características como as encontradas nas palavras de Zagury, comuns nesta etapa da vida. Precisam de amor, expressado através de atitudes, dentre elas dedicação em lhes proporcionar atenção, para que sejam ouvidos e orientados. Más influências encontram solo fértil nesta fase, pois com tantas dificuldades vivenciadas de forma inédita, irão procurar refúgio e, desorientados, caem nas armadilhas da vida. Pais e professores são responsáveis por livrá-los destes caminhos tortuosos e os encaminhar para portos seguros, para viverem “... um modo de vida entre a infância e a vida adulta” (ERICKSON, 1976, p.128), de forma mais equilibrada.

Para tanto Becker (1989) sugere que observemos a adolescência como “a passagem de uma atitude de simples espectador para outra ativa, questionadora. Que inclusive vai gerar revisão, autocrítica, transformação” (BECKER, 1989, p.10). Sendo, portanto na adolescência que o ser humano passa a entender que pode tomar escolhas e são estas que o tornarão um indivíduo, um ser único na sociedade com características próprias. O que antes era escolhido por seus responsáveis sem grandes questionamentos, agora será decidido por eles próprios, com tomadas de decisão.

A Abordagem das Redes Sociais na Educação

O papel do educador vai além do que o simples ensinar a ler e escrever, segundo Palangana, Galuch e Sforini pode-se dizer que:

[...] o ensino e a aprendizagem constituem um momento intrinsecamente necessário ao desenvolvimento, na criança, das características psíquicas humanas. Está-se falando do ensino que promove à reflexão, a análise, a síntese. (PALANGANA, GALUCH e SFORNI, 2002, p. 119).

Com isto se faz necessário que as instituições de ensino tenham como meta levarem seus alunos a se tornarem seres pensantes, formadores de opinião, capazes de refletir e analisar o que lhes é transmitido. Não se pode apenas focar em conhecimentos de forma acadêmica, que são indispensáveis à aprovação em vestibular, porém não somam tanto para seu desenvolvimento como ser humano. O caminhar escolar de um aluno precisa ser formado por educadores que os levam a abordar temas que vão além da grade curricular oferecida pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura), o que afirmam Palangana, Galuch e Sforini:

O que deve desafiar e ocupar os professores não são as atividades nas quais os alunos desempenham sozinhos com declarada competência, pois essas pouco ou nada acrescentam ao desenvolvimento. Cabe a eles, isto sim preocupar-se e ocuparem-se com os conteúdos, as atividades, nos quais o desempenho do aluno depende de mediação, de ensino. (PALANGANA, GALUCH e SFORNI, 2002, p. 119).

O professor é desafiado a ser um facilitador da aprendizagem, identificando as dificuldades de seus alunos e orientando-os de forma a vencê-las. Para que isto ocorra, necessita de uma atenta observação para que estas dificuldades sejam detectadas. Apenas ocupar o tempo dos alunos com atividades que não os desafiem, não lhes dá motivação para irem adiante, vencendo obstáculos. Segundo Oliveira:

[...] a ajuda mútua, as discussões, a formulação de hipóteses e a interação em sala de aula são momentos de grande aprendizagem. E ao solicitar a ajuda do professor, o aluno utiliza recursos legítimos para promover seu desenvolvimento, bem como a ajuda de seus colegas do grupo. Os grupos de crianças são sempre heterogêneos [...] e umas podem contribuir para o desenvolvimento das outras. (OLIVEIRA, 2005, p. 66).

O ambiente de sala de aula é favorável para a interação e conseqüentemente a aprendizagem. O professor entra como um mediador, facilitando a aprendizagem e incentivando a ajuda mútua entre seus colegas, o que contribui muito no desenvolvimento, pois são diferentes entre si e sempre têm conhecimentos para compartilharem. A rede social, de forma ilusória, pode tentar suprir este desejo natural de troca de ideias, ao oferecer inúmeros contatos para se comunicar, porém nunca será capaz de reproduzir com fidelidade toda emoção que somente um encontro real é capaz de passar, portanto cabe ao educador levar esta discussão para as salas de aula, de forma clara e objetiva proporcionando aos seus alunos momentos de reflexões sobre esta temática.

Mas será que os educadores estão preparados para este desafio? Segundo Gadotti:

Neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, as novas matrizes teóricas não apresentam ainda a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações. (GADOTTI, 2000, p. 6).

Por certo, os educadores na maior parte dos casos não estão preparados para esta empreitada. A evolução da tecnologia na educação de forma rápida e sem muito subsídio, acaba desestimulando uma classe que já tem outras razões relevantes para desmotivá-los. Todavia, o educador precisa ser um profissional que organize bem suas ideias com a capacidade de reinventar o conhecimento teórico, sem perder a prática pedagógica, pois há uma exigência ou porque não dizer, uma constante cobrança por parte da sociedade. Para tanto se faz necessário buscar caminhos tecnológicos como as redes sociais para entender melhor a problemática de ensinar nesta era digital. Conforme Kenski,

As tecnologias digitais permitem aos professores trabalhar na fronteira do conhecimento que pretende ensinar. Mais ainda, possibilitam que eles e seus alunos possam ir além e inovar, gerar informações novas não apenas no conteúdo, mas também na forma como são viabilizadas nos espaços das redes. Para isso, além do domínio competente para promover ensino de qualidade, é preciso ter um razoável conhecimento das possibilidades e do uso do computador, das redes e demais suportes midiáticos em variadas e diferenciadas atividades de aprendiz. (KENSKI, 2001, p.105).

De fato, o educador precisa estar se atualizando a cada dia, não só com seu conteúdo programático, mas também aprimorar seus conhecimentos tecnológicos, um professor de informática, por exemplo, não pode apenas ficar ensinando o básico do Word, Excel e Power Point, suas aulas devem ir além, com matérias que pode sim usar estas ferramentas, desde que venham estimular seus alunos a pensarem. E porque não ensinar a usar as redes sociais? Trazer para os laboratórios de informática este assunto torna-se, uma oportunidade singular que deve ser aproveitada no momento do ensino, com a finalidade de orientar os alunos a usarem de maneira responsável e tranquila as redes sociais.

A propósito dessa temática, Dowbor (1998, p. 259) diz que: "... será preciso trabalhar em dois tempos: o tempo do passado e o tempo do futuro. Fazer tudo hoje para superar as condições do atraso e, ao mesmo tempo, criar as condições para aproveitar amanhã as possibilidades das novas tecnologias". O educador deve estar preparado com as novas tecnologias que surgem todos os dias para não ficar intimidado diante de seu aluno, que aparentemente domina a tecnologia. Para Chalita (2001, p.174) "O professor que se busca construir é aquele que consiga, de verdade, ser um educador, que conheça o universo do educando, que tenha bom senso, que permita e proporcione o desenvolvimento e autonomia de seus alunos". O profissional de educação deve buscar conhecimento e levar seus alunos a confrontarem suas ideias publicadas nas redes sociais de maneira a estabelecerem um elo entre o mundo real e o imaginário.

Metodologia

A metodologia utilizada para o presente trabalho foi a pesquisa de finalidade básica, utilizando a forma qualitativa de abordagem, de carácter explicativo, visando orientar jovens e adolescentes quanto ao uso das redes sociais, bem como, a importância de um maior conhecimento de seus orientadores para melhor auxiliá-los.

O delineamento do trabalho ocorreu através da natureza de pesquisa bibliográfica, pois, para a fundamentação teórica do trabalho realizou-se pesquisas acerca dos assuntos importantes sobre o tema e aos objetos da pesquisa, ou seja, foi necessário ter um aprofundamento sobre os riscos das redes sociais para adolescentes e a importância de sua abordagem na educação.

Segundo Salomon (2004) a pesquisa bibliográfica fundamenta-se em conhecimentos proporcionados pela Biblioteconomia e documentação, entre outras ciências e técnicas empregadas de forma metódica envolvendo a identificação, localização e obtenção da informação, fechamento e redação do trabalho científico.

Para Gil (2010) a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente

Considerações Finais

A realidade que se vê hoje é uma educação longe do ideal, onde os educadores são preparados e motivados a buscarem cada vez mais na tecnologia base para uma aula repleta de conhecimentos, informações e interatividade. Muitas das vezes, o professor só está preocupado em cumprir seu horário, o que é, infelizmente, a realidade para a grande maioria. Não querem se envolver, afinal, envolvimento é trabalhoso e requer tempo e dedicação, sendo mais fácil ficar na mesmice, na zona de conforto, ou seja, cada um fazendo o mínimo de sua parte, gerando uma sucessão de deficiência na educação, que reflete justamente na sociedade.

O sistema tem sua parcela de culpa em tudo isso, pois além de não dar ao professor condições financeiras e tempo para que possa se atualizar, os torna um profissional cansado, com inúmeras turmas para administrar e todas superlotadas. Em contrapartida, os pais precisam se conscientizar de que seus filhos (as) não vão à escola para serem educados pelo professor, pois não é esse o papel dele. Seus filhos devem chegar à escola sabendo que bullying ou cyberbullying não deve ser praticado, saber que existem limites e respeito para com seus colegas e professores, saber que não devem usar o celular na escola, exceto para emergência, principalmente no momento de provas.

É preciso mudar a mentalidade dos pais, que na tentativa de querer suprir suas ausências ou não serem severos demais com seus filhos, não tomam para si a responsabilidade de educar de fato, dar limites, conversar, o que acaba tornando um anseio dos jovens e adolescentes, causa esta, que os tornam reféns das redes sociais. Faz-se necessário uma mudança de atitude que tem início nos lares, através dos pais, e se aprimore na escola, através dos professores.

Estas importantes fases da vida, que são a adolescência e a juventude, com seus atributos singulares, já despertaram no mundo capitalista seus reais valores. Desta mesma forma, a sociedade tem que despertar e reconhecer o valor que deve ser dado à educação destes jovens, presente e futuro do país.

Referências

- BECKER, D. **O que é a adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CHALITA, Gabriel. **Educação, a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.
- DOWBOR, L. **A reprodução Social**. São Paulo: Vozes, 1998.
- ELLOVITCH, Saada R. S. **Neurologista explica como funciona o cérebro de um adolescente**. Epoch Times, disponível em: <<https://www.epochtimes.com.br/neurologista-explica-como-funciona-cerebro-adolescente/#>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2016.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- GALUCH, M. T. B.; SFORNI, M. S. F. **Conteúdos Escolares e Desenvolvimento Humano: Qual a unidade?. Comunicações**. Piracicaba, 2006.
- KEMP, Jaime. **Pai inteligente influencia o filho adolescente – Se você não fizer, alguém o fará!**. Rio de Janeiro: Graça, 2013.
- KENSKI, V.M. **O papel do Professor na Sociedade Digital**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2001.
- KNOBEL, M. **A Síndrome da adolescência normal em A.Aberastury & M. Knobel Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizontes Universitários, 1978.
- LÓES, João. **Viciados em redes sociais**. Isto é Independente, disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/204040_VICIADOS+EM+REDES+SOCIAIS>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2016.
- MORAN, José Manuel. **A Educação que Desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: 2012.
- OLIVEIRA, Marta Kol. de. Vygotsky. **Aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2005.
- PALANGANA, C.; ISILDA; G.T. B., M; SFORNI, S. F. M. **Acerca da relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento**. Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho Braga, Portugal, v. 15, n. 1, p. 111-128, 2002.
- SCHELP, Diogo. **Nos laços fracos da internet**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/080709/nos-lacos-fracos-internet-p-94.shtml>>. Acesso em: 09/02/2016.
- ZAGURY, T. **Limites sem trauma**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.